

SERMO
SANTA CRUZ

Sermão
de
Santa Cruz dos Milagres
por
D. Sebastião de Rego
L.
1759



S E R M ã O
D A
S A N T A C R U Z
D O S M I L A G R E S ,

TITULAR DA CONGREGACÃO DO ORATORIO DE GOA,
Que no anno de 1745. recitou , e dedica

A^c MAGESTADE FIDELISSIMA

D E E L R E I

D. J O S E^c I.

N O S S O S E N H O R

D. S E B A S T I ã O D O R E G O :

*Clerigo Regular , Deputado da Junta das
Missões do Padroado Real ,*



L I S B O A ;

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LIX.

Com todas as licenças necessarias.

L2834

2/566

SERMEÃO
SANTA CRUZ
DOS MILAGRES

TRATADO DA CONJUGAL BOA CONDICÃO DE COU
Que no anno de 1777. escreveu o Cônego
A MAGISTRE DE P. B. B. B.

D. JOSE
XOSSOSENHOR

D. SEBASTIAO DO REGO
Cirurgião Regular, Domiciliado em Porto Rico
Mestre do Hospital Real



L. S. B. O. A.
MORIM DE MICO...
Impressor do Reino, Officina

LP
18
71

LP
252.02
R 343 D

SENHOR.



*DESEJO da salva-
ção do gentio de Goa as-
sim como me moveo a re-
citar este Sermão, assin
tambem me anima a dedicallo a V.*

*GESTADE, por ser o seu assumpto u.º
da Real attenção de V. MAGESTAD
He V. MAGESTADE digno successor*

A ii

Re-

egio Morgado, que Christo Filho de Deos
instituiu na fundação da Monarquia Lusita-
na, com vinculo perpetuo de exaltar o seu
santo nome na conversão das gentes: Volo
in te, & in semine tuo Imperium mihi sta-
bilire, ut deferatur nomen meum in exte-
ras gentes. *He V. MAGESTADE* legi-
timo herdeiro do ardentissimo zelo da propa-
gação da Fé Catholica, que no descubrimen-
to das Indias, e nas suas conquistas faz im-
mortal a gloriosa memoria dos seus Augus-
tissimos ascendentes. *Está V. MAGESTA-
DE* desempenhando as obrigações da grande,
e Divina dignidade de cooperar com Christo
na conversão das almas, fazendo patente ao
mundo huma generosidade Divina nas em-
prezas, com que procura exaltar por todo o
Orbe o santo nome de Deos: Ingens hæc An-
gelica, imò divina est dignitas, Dei coope-
ratorem fieri in conversione animarum, di-
vinamque in se operationem palam cunctis
ostendere. ^(a)

Porque V. MAGESTADE imitando
fidelmente aquelle zelo dos seus soberanos
predecessores, sustenta muitos Bispos, e in-
nu-

(a) S. Dion. Arcop. de Cælest. hier. lib. 3.

numeraveis Missionarios dispersos nos vastos campos da India Oriental, e Occidental, sem mais utilidade do que desterrar as trevas da infidelidade, e alumear o mundo todo com a luz das verdades Divinas. V. MAGESTADE com immensos dispendios envia embaixadas ao Emperador da China, e Tartaria, sem mais interesse, que o de franquear as portas daquella Monarquia à prègação do Euangelho. V. MAGESTADE conserva com continuos soccorros o Estado da India, sem mais conveniencia, que a de dilatar, amparar, e manter nestes Paizes a Fé de Christo.

Sendo pois este o maior braço, tymbre o mais glorioso da Casa Real de Portugal, que na soberana Pessoa de V. MAGESTADE felizmente continúa; e sendo o argumento do meu Sermão a conversão de muitos mil vassallos gentios, que V. MAGESTADE tem nesta Cidade de Goa, e nas suas Commarcas, razão tenbo para dizer, que o seu Assumpto he digno da Real attençaõ V. MAGESTADE.

A intençãõ, com que no anno de 174. na Igreja da Congregaçãõ do Oratorio ae
Goa

Goa recitei este Sermão , foi só a glória de Deos , e o desejo da salvação das almas. Agora , que professando o instituto Theatino , fui eleito em Deputado da Junta das Missões do Real Padroado , com a mesma intenção , e desejo o pertendo dar à publica luz debaixo da protecção soberana do Augustissimo nome de V. MAGESTADE , e juntamente satisfazer a obrigação , que tenho por indispensavel de representar a V. MAGESTADE , que a primeira , e principal Missão , em que se deve procurar eficazmente a conversão das almas , he a dos gentios de Goa seus vassallos à imitação de Christo , como seu Vice-gerente na pregação do seu Euangelho , e na propagação da sua Fé.

Christo nosso Senhor , sendo rogado para socorrer a necessidade de huma mulher estrangeira , Cananea de nação , respondeo: Non sum missus , nisi ad oves , quæ perierunt domus Israel ; ^(b) não porque sendo luz , e reme-
universal de todo o mundo , não f
ado pelo Eterno Padre para allumar , e
lvar a toda a sorte de homens: Dedi te in
lu-

(b) Matth. 25.

lucem gentium ; ut sis salus mea usque
 extremum terræ , ^(c) senão porque os Judeos
 erão o seu povo , e por isso ovelhas suas , às
 quaes devia prègar , e missionar primeiro que
 a outras gentes , para as reduzir ao seu re-
 banho. *S. Feronymo*: Non quo , & ad gen-
 tes non missus sit , sed quo primum missus
 sit ad Israel ; ^(d) e he tão Divino este dicta-
 me , que Christo não só o praticou per si , mas
 tambem o mandou praticar pelos Apostolos ,
 ordenando-lhes , que a prègação do Euange-
 lho começassem por *Jerusalem* , e *Judea*: In-
 cipientibus ab *Jerofolymis*. ^(e) Et eritis mihi
 testes in *Jerusalem* , & in omni *Judæa*. ^(f)
Pela mesma razão de ser Jerusalem Metro-
pole de Judea , e Judea Reino de Deos , e
os Judeos seu povo , e ovelhas , as quaes se
devião primeiro reduzir ao rebanho de Chri-
sto com a prègação do seu Euangelho.

V. MAGESTADE como *Vice-gere-*
nte de Christo não só he *Rei* dos seus *vassal-*
los , mas tambem *Pastor* de suas *almas* ; e os
^{seus} *seus* como *vassallos* da sua *Coroa* ,
suas ovelhas , as quaes importa que *V. MA-*
GES-

(c) *Isai.* 49. (d) *D. Hier.* lib. 2. comment. in *Matth.* cap. 25.
 (e) *Luc.* 24. vers. 47. (f) *Actor.* 1. vers. 8.

ESTADE mande guiar, e encaminhar por meio dos seus Ministros para o pasto da doutrina Evangelica, para que se reduzão ao rebanho de Christo. Para este fim tem *V. MAGESTADÉ* poder soberano nos seus Dominios para fazer com elle nos seus vassallos, o que faz Christo com a sua omnipotencia na conversão das gentes em terras barbaras.

A conversão das almas assim como depende da prègação do Evangelho: Quomodo credent ei, quem non audierunt? Quomodo autem audient sine prædicante? ^{s)} assim tambem a prègação do Evangelho para ser ouvida, e crida, he preciso, que os infieis sejam attrahidos, e conduzidos a ella. E he vulgar nas historias Divinas, que nos Reinos barbaros, onde não ha poder humano, que concorra para os infieis ouvirem a prègação, abi he que toma a Omnipotencia por sua conta dirigillos, e encaminhallos com prodigios, e milagres para ouvirem o Evangelho. Esta he a razão, por que S. Paulo dis-

Fides ex auditu; auditus autem
in Christo: A fé de Christo entra nos co-
rições por meio da prègação, que se ouve;
po-

(g) Ad Rom. 10. vers. 14.

porém a prègação ouve-se por palavra
Christo, isto he, por seu mandado, como ex-
plicação os *Expositores*: Per verbum Christi,
id est, ex mandato Christi. ^(h) E claro está,
que o modo, com que Christo manda, e obri-
ga os infieis a ouvir a prègação do seu Euan-
gelho, he attrahindo, e conciliando os seus
animos com prodigios, e milagres.

Mas nos Reinos, e Estados Catholicos
não se experimentão, porque não são necessa-
rios os milagres da Omnipotencia para a con-
versão dos vassallos infieis, por haver nos
Monarcas poder soberano para obrigarlos a
que oução as Divinas verdades, ficando-lhes
sempre livre a escolha da lei; assim como os
milagres da Omnipotencia só concilião os ani-
mos para ouvirem a prègação, e de nenhuma
maneira violentão as vontades para abraça-
rem a Fé.

Este poder soberano tem *V. MAGES-
TADÉ* por duplicados titulos, para com este
fazer nos seus dominios, e vassallos infieis

Divina omnipotencia faz com os
milagres em Reinos barbaros na conversão de
gentes. Não he meu este juizo, mas maxime

B

pra-

(h) Apud A'Lapid. ad Roman. cap. 10.

Praticada pelo segundo Apóstolo da India São Francisco Xavier, em cuja vida tenbo observado, que tendo elle obrado muitos, e admiraveis prodigios no Japão, no Moro, nas Ilhas Molucas, nas costas da Pescaria, Travancor, e Malavar, e em outros lugares, em que converteo à Fé de Christo muitos centos mil de pagãos de varias linguas, e nações; e tendo estado por muitas vezes em Goa, onde havia então maior numero de gentios, não consta, que para a conversão destes obrasse hum só milagre, ⁽ⁱ⁾ mas antes recorreo ao Senhor Rei D. João III. que então felizmente reinava, supplicando mandasse ao governo da India, que nesta Cidade de Goa assinalasse lugares, e dias, em que os gentios fossem obrigados a ouvir a doutrina Christã; sem duvida, porque aquelle grande Santo não só Theologo especulativo, e Missionario pratico, mas tambem como varão tão familiar, e illustrado de Deos esteve certo na maxima, de que onde ha poder humo para attrahir os gentios à prégã, se deve recorrer só a elle. Isto he o que unicamente pertendo, dedicando a V. MAGES-
TA-

(i) Lucena na vida do Santo l. 2. cap. 22.

*T*ADE este Sermão, em que tenbo expen.
do os obſiaculos, que nesta Cidade embarção
a conversão destes gentios, e os meios, com
que esta se deve procurar como empreza a
mais importante da gloria de Deos, do ser-
viço do Real Padroado de V. *MAGES-*
*T*ADE, do augmento desta Cidade, e de todo
o Estado da India.

D. Sebastião do Rego C. R.

B ii

Fi-



Filius hominis tradetur ad crucifigendum.

Matth. 20.

§. I.



S maravilhosas obras de Deos quanto mais admiraveis, tanto são mais doutrinaes. (Altissimo, e omnipotente Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.) As maravilhosas obras de Deos quanto mais admiraveis, tanto são mais doutrinaes. Esta deve ser a razão, por que dos milagres de Christo diz Santo Agostinho, que são obras, e juntamente palavras: *Ea, quæ fecit Dominus noster Jesus Christus stupenda, atque miranda, & opera, & verba sunt.* (a) São obras, porque são actos da Divina omnipotencia; são palavras, porque são manifestativos de nossa doutrina. Como obras prodigiosas attrahem os olhos para a admiração; como palavras doutrinaes movem os corações para a execução: como obras utilizão os que

(a) D. August. tract. 44. in Joan.

Sermão

que os recebem; como palavras ensinão os que os attendem; por isso os milagres, que Christo fazia, (prosegue o mesmo Santo Doutor) não os fazia só por fazellos, mas sim, para que sendo admiraveis aos que os vissem, fossem tambem doutrinaes aos que os entendessem; porque queria, que aquillo, que vião, e admiravão os olhos, fosse documento, e doutrina ao espirito: *Ea quæ faciebat corporaliter, etiam spiritualiter volebat intelligi; neque enim tantum miracula propter miracula faciebat; sed ut illa, quæ faciebat, mira essent videntibus, vera essent intelligentibus.* (b)

Donde infiro, que os prodigios de Deos assim como são muito para venerados, pelo que tem de admiraveis, assim tambem devem ser examinados, pelo que tem de doutrinaes. Vio Moysés de longe a carga, que no monte Horeb ardia, mas não se queimava, e com heroica resolução chegou a ver, e examinar de perto tão grande visão: *Vadam, & videbo visionem hanc magnam, quare non comburatur rubus?* (c) Mas donde a Moysés tamanha ousadia? Ignorava por ventura, que o arder a carga sem se consumir, não podia ser effeito natural do fogo, senão do poder extraordinario de Deos? Não sabia, que quem esquadrinha os segredos da Magestade, e omnipotencia Divina, e a timido com o pezo da sua imensa, vel grandeza, e gloria: *Scrutator majestatis, oppriuetur à gloria?* (d)

Tu-

(b) Serm. 44. de verb. Domini. (c) Exod. 3. (d) Proverb. 25: vers. 27.

da Santa Cruz dos Milagres.

Tudo sabia; mas não sabia também, que os mysterios reconditos da Divina providencia, ainda que ninguem deve esquadrihar com vã, e temeraria curiosidade, podem-se porèm especular com humilde, e discreta piedade. Por isso. não se atrevia a levantar os olhos diante de Deos: *Abscondit Moyses faciem suam; non enim audebat aspicere contra Deum*; e com tudo se resolveo a especular, e examinar a causa, e a razão, porque aquelle fogo estupendo ardia, mas não queimava: *Quare non comburatur.*

Mas se Moysés passasse do monte Horeb a este da Boa vista, se tirando os olhos daquella çarça, os puzesse na Santa Cruz dos Milagres, e visse a luz, com que resplandeceo esta Cruz, que diria? Ha mais de hum seculo, que em hum dia como hoje appareceo na Cruz deste monte a Magestade de Jesus Christo cercado de luzes, despedindo resplandores à vista de hum numeroso povo. Pois se Moysés fosse hum dos que virão então tão Divino espectaculo, que diria confrontando o monte Horeb com o monte da Boa vista? Oh pasmo! Oh assombro! Diria sem duvida, que a visão do monte da Boa vista foi a mais portentosa, a mais admiravel: *Visionem hanc magnam*; porque a visão de Horeb foi privada só para Moysés, a visão da Boa vista foi para todos. Na çarça não vio Moysés a Deos, ouviu só a sua voz: *Vocavit eum de medio rubi*; na Santa Cruz dos Milagres appareceo, e foi visto em sua propria pessoa Deos humanado como Rei no seu throno cercado de resplandores, lan-

lançando raios, diffundindo luzes, e enchendo de admiravel claridade todo este monte: *Claritas Dei circumfulsit.*

Tão admiravel espectáculo, tão Divino portento no monte da Boa vista! Tão publicamente appareceo em sua propria pessoa o Filho de Deos humanado na Santa Cruz dos Milagres: *Filius hominis tradetur ad crucifigendum!* Oh quem tivera agora virtude, e espirito de Moysés para indagar, especular, e conhecer o mysterio, o motivo, o fim, por que a Magestade de nosso Senhor Jesus Christo appareceo nesta Cruz: *Quare Filius hominis tradetur ad crucifigendum?*

Bem sei que não devo ser nem tão desvanecido, que me considere com a virtude de Moysés, nem tão presumido, e temerario, que queira penetrar os segredos Divinos: *Quis enim cognovit sensum Domini, aut quis consiliarius ejus fuit?* (e) Com tudo confio muito na bondade do mesmo Deos, que assim como revelou a Moysés o motivo de apparecer naquella çarça do monte Horeb, assim tambem se dignará de me dar luz para conjecturar o fim, por que appareceo nesta Cruz do monte da Boa vista. E tudo conseguirei por intercessão da Santissima Virgem Maria sempre cheia de graça.

Ave Maria.

Fim.

(e) Ad Rom. II. vers. 34.

Filius hominis tradetur ad crucifigendum.

§. II.

QUando contra o estado Portuguez na India estavam conspirados toda a sorte de infieis, Hereges, Mouros, e Gentios, Inglezes, e Hollandezes, Perfes, e Arabios, Malavares, e Chingalas, huns por mar, outros por terra, e todos com empenho, e furor desesperado procuravão despedaçar o vastissimo corpo deste oriental Imperio: nestes tão calamitosos tempos, correndo o anno de mil seiscientos e dezenove aos vinte e trez de Fevereiro em dia claro appareceo em trez distinctas, oculares, e publicas visões nos braços da Santa Cruz dos Milagres deste monte de Boa vista a Magestade soberana, e Divina de nosso Senhor Jesus Christo em sua propria pessoa, cuja annual memoria celebramos com a presente solemnidade. Estes apparecimentos contestados por muitas testemunhas simultaneas, comprovados com muitos milagres, examinados com o maior rigor em juizo contraditorio, forão finalmente definidos *authoritate ordinaria* por verdadeiros, e Divinos.

Mas que juizo fizerão os homens de tão insolitas aparições? Qual julgárão o fim, por que o Ceo do Ceo, e appareceo na Santa Cruz dos Milagres com tão admiraveis circumstancias? *Quare Filius hominis tradetur ad crucifigendum?* Os mais versados nas antiguidades, aquelles, que não ignoravão os gloriosos principios da Monarquia

C

Lu-

Lusitana, não sem fundamento conjecturavão essas Divinas aparições por feliz prognostico de vitórias, e triunfos contra os inimigos da Cruz, Genticos, Mouros, e Hereges, que por mar, e por terra hostilizavão a Asia Portugueza; porque sendo a conquista da India emprego, que fiou Christo do valor Portuguez, escolhendo esta inclita nação para trazer a tão remotas partes do Oriente a Fé, e o conhecimento do seu venerado, e glorioso nome: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes*: em tempos tão perigosos ao estado da India, quando tantos inimigos pertendião escurecer a gloria do seu santissimo nome, e extinguir a Fé, que se hia dilatando neste Oriente, não podia aquelle todo poderoso Senhor deixar de acudir por huma causa tanto sua.

Menos inimigos opprimião ao povo Israelitico no Egypto, porque era só hum Faraó; e tanto se condeco a Divina piedade da afflicção do seu povo, que para tratar do seu alivio, e liberdade desceo do Ceo à terra: *Vidi afflictionem populi mei; & descendi, ut liberem eum de manibus Ægyptiorum.*

- (a) Assim desceo no ineffavel mysterio da Encarnação, e appareceo feito homem para remir ao genero humano da escravidão do demonio: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit de Cœlis.* Assim no Augustissimo Sacramento do Altar desceo do Ceo debaixo das especies do pão: *Hic est panis, qui de Cœlo descendit*, (b) para se dar aos homens como escudo, com que se defendão, e tri-

(a) Exod. 3. (b) Joan. 6. vers. 56.

da Santa Cruz dos Milagres.

e triumphem dos inimigos da alma: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant me.* (c)

Sobre estes exemplos tão geraes temos hum muito particularmente nosso. Quando ElRei Dom Affonso Henriques estava acampado em Ourique com pequeno poder contra cinco Reis Mouros, colligados em hum exercito, quando no Conselho de guerra se julgava por temeridade buscar com tão desiguaes forças a cinco Potencias formidaveis, então acudio Deos, descendo do Ceo, e apparecendo em huma Cruz ao nosso primeiro Monarca: *Signum crucis aspicio, & in eo Jesum Christum.* Mas para que desceo Christo no campo de Ourique? Para que appareceo ao Rei Lusitano? Appareceo para o animar, e confortar no conflicto, que havia de ter com os Reis barbaros. Desceo do Ceo para livrar da oppressão dos infieis o Reino de Portugal, veio em pessoa para prometter vitorias, e segurar triunfos contra todos os inimigos da Cruz, que o são tambem da nação Portugueza: tudo disse, e tudo succedeo assim como disse o mesmo todo poderoso Senhor: *Aparui tibi, ut corroborarem cor tuum in hoc conflictu, & initia Regni tui supra firmam petram stabilirem. Confide Alfonse, non solum enim hoc certamen vinces; sed omnes alios, in quibus contra inimicos crucis pugnaveris.*

Quando se o descer Deos do Ceo à terra, e o monte Sion foi principio da liberdade do povo Israelitico, na Encarnação foi misericordia, e redempção do genero humano; no augustissimo Sa-

cramento he amparo, e defenſa dos juſtos; no campo de Ourique foi prognos-tico das felicidades de Portugal, como no monte de Boa viſta não ha de fer feliciffimo aſpicio de vitorias, e triunfos a def-cida, e apparição tão publica, e glorioſa do meſ-mo Chriſto na Santa Cruz dos Milagres: *Filius ho-minis tradetur ad crucifigendum?*

§. III.

A Sſim julgavão então os homens; com eſte tão plauſivel diſcurſo animavão os Portugue-zes as eſperanças de defender, e conſervar as ſuas conquiſtas. Mas oh quão differentes ſão as diſpo-ſições Divinas dos juizos humanos! Parecia bem fundado aquelle diſcurſo; porèm foi muito mal ſuccedido: foi como o vaticinio dos falſos Profe-tas, que enganárão a ElRei Acab, promettendo vitorias, ſegurando triunfos. E que não houveſſe entre tantos hum Profeta verdadeiro, como Mi-queas, que previffe as ruinas para ſe acautelarem dos máos ſucceſſos, que eſtavão imminentes?

Tanto pelo contrario ſuccedeo, do que con-jecturavão os homens, que depois de deſcer Chriſto do Ceo a eſte monte, e apparecer publicamen-te naquella Cruz, começou a murchar a flor do eſ-tado da India, começárão as ruinas de C... co-mezárão as perdas de tantas Cidades, e Praças. A primeira perda, trez annos depois do apparecimen-to de Chriſto, foi daquella famoſa Cidade, cuja opulencia querendo comprehender os ſeus naturaes, di-

dizião, que se todo o mundo se reduzisse ao circulo de hum anel, só Ormuz havia de ser a sua preciosa pedra.

Mas embora que se fossem os aneis, com tanto que ficassem os dedos, porque nas minas de Mocoranga, e Cuama não nos faltava ouro de altos quilates, nem nos rios de Ceilão, e Pegu finissimos rubins, nem nos campos de Golconda preciosissimos diamantes para fabricarmos joias mais ricas. Porém oh pena! Oh dor! Atràs dos aneis forão-se tambem os dedos, porque não podião ficar os dedos depois de perdermos os braços. Ambos os braços nos cortou o herege Hollandez, hum, que se extendia de Malaca para baixo, e abraçava toda a Asia infular até as odorificas Molucas, outro, que subia de Ceilão para cima por toda a costa da Pescaria, Coromandel, Travancor, e Malavar. Depois de nos faltarem os braços, facilmente nos decepou hum pé o Mouro Arabio, fazendo-se senhor de Mascate, e da sempre malograda, e infeliz Mombaça. Ficavamos só em hum pé; e ainda que coxeando, ora cahidos, ora levantados viviamos contentes com a fortuna nas terras do norte, que neste valle de lagrymas era a terra da promessa para aquelles, que sabião aproveitar-se do mel, e leite, que manava; mas tambem este pé acabou de cortar o gentio Maratá, Nabuco de nossos tempos.

Que ficou agora de tão vasto, e formidavel corpo do estado da India, que chegava algum dia a abraçar com as mãos, e com os pés quanto póde

ca-

caber em espaço de quatro mil leguas, desde o Cabo de Boa Esperança até às praias do grão Cataio, ou China?

Oh tristíssimas memorias do muito que possuímos, e de tudo que perdemos! Perdidos os braços, e os pés, ficámos com a cabeça em Goa, para gemer, e chorar, de que sendo em outro tempo soberba Troia, hoje está humilde campo razo: *Campus, ubi Troia fuit*. Ficou só a cabeça, sim; mas por isso mesmo, porque ficou tão só, está reduzida a caveira, e enterrada em suas proprias cinzas, servindo-lhe os marmores dos seus edificios cahidos ou de campas de sua lamentavel sepultura, ou de padrões das suas extremas calamidades.

§. IV.

E Para isto he que desceo Christo do Ceo a este monte de Boa vista? Para isto appareceo na Santa Cruz dos Milagres? Para derribar, despedaçar, e reduzir a pó, e cinza a grande, a portentosa estatua do vastissimo estado da India, que na flor da sua felicidade era ouro na opulencia, e riqueza; prata no resplendor, e pompa; bronze na celebridade, e fama; ferro nas vitorias, e triunfos: *Contrita sunt pariter ferrum, testa, aes, argentum, aurum, & redacta quasi in favillam?*

Oh Goa, Goa! Se advertisses bem, quando aquelle Senhor posto na Santa Cruz dos Milagres te via com olhos compassivos, em final que desde

(*) Danicl. 2. vers. 35.

da Santa Cruz dos Milagres. 1.

então sentia as calamidades , que hoje padeces , e chorava o miseravel estado , a que te achas reduzida: *Videns civitatem flevit!* (b) Oh Goa cega , Goa enganada , se conhecêras então , e procuráras os meios da paz , com que te convidava teu benignissimo Deos , vindo a offerecella com braços abertos: *Si cognovisses & tu, & quidem in hac die tua quæ ad pacem tibi!* Quanto melhor fora , que os teus Profetas te prognosticassem desgraças , do que felicidades? Porque o temor do mal te faria advertida para solicitar o remedio , assim como a falsa esperança do bem fez certo o teu descuido , e irremediavel o teu dano: *Prophætæ tui viderunt tibi falsa, & stulta, nec aperiebant iniquitatem tuam, ut te ad pœnitentiam provocarent.* (c) Mas já que então a tua opulencia , e soberba te cegou , não he justo , que agora a tua extrema miseria te faça abrir os olhos , e tomar com o tempo o desengano , que mais vale tarde que nunca?

Sim. Pois saiba Goa , saiba a Princeza do Oriente , saiba a Metropole do estado Lusitano na India. Oh ! quem me dera agora huma voz tão sonora , como aquella trombeta , que ha de tocar o Anjo de Deos no fim do mundo , para soarem as minhas palavras por todas as quatro partes , por onde andão dispersos os Portuguezes ! Saiba Goa , que todas as suas ruinas lhe vierão , porque os Portuguezes não cumprirão inteiramente com o fim , para que Deos os trouxe de Portugal à India.

O fim , para que trouxe Deos os Portuguezes
à In-

{b) Luc. 19. vers. 41. (c) Jerem. Tren. 2. vers. 14.

à India, he o mesmo, por que fundou o Reino de Portugal. Fundou Christo o Reino de Portugal para tomar os Portuguezes por ministros da propagação da sua Fé, e da exaltação do seu santo nome. Assim o declarou o nosso primeiro Monarca com solemne juramento, que era justo se gravasse em publicos padrões em todos os Reinos, e Provincias, Cidades, e dominios de Portugal, para constar, que o ser Portuguezes, he o mesmo que ser Missionarios, o mesmo que ser Apostolos: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum gentes.*

E para que não cuidassem os Portuguezes, que esta obrigação impoz Christo só aos Reis, e não aos vassallos, quando o mesmo primeiro Rei fallando com o Rei dos Reis, lhe rogava pela conservação da nação Portugueza: *Gentem Portugalem sem salvan custodi.* Então o supremo Senhor disse: Não apartarei já mais a minha misericordia nem de ti, nem de teus vassallos, porque tenho preparado por meio delles huma grande seára para mim, e os tenho escolhido por meus segadores em terras longinquas: *Annuens Dominus inquit: Non recedet ab eis, neque à te unquam misericordia mea; per illos enim paravi mihi messem multam, & elegi eos in messores meos in terris longinquis.*

E que mais era necessario para Christo instituir, e nomear os Portuguezes por Apostolos do Oriente, e propagadores de sua Fé, e que chamallos ministros da exaltação do seu nome em gentes estranhas, e operarios da sua seára em terras

lon-

longinquas? A primeira vez que mandou Christo os seus Discipulos a prégar o Euangelho, lhes fallou desta sorte: *Messis quidem multa, operarii autem pauci: Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam.* (d) Quando escolheo a S. Paulo por Apostolo das gentes, disse: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus.* (e)

Confrontai agora aquellas palavras: *Messis quidem multa*, que disse Christo aos Apostolos, com estas: *Paravi messem multam*, que o mesmo Christo disse aos Portuguezes. Combinai aquellas palavras: *Rogate Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*, com estas: *Elegi eos in messores meos in terris longinquis*. Notai, que disse Christo de S. Paulo: *Ut portet nomen meum coram gentibus*; e reparai, que disse o mesmo Christo dos Portuguezes: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes*. E desta tão uniforme conformidade dos termos, com que fallou Christo aos Apostolos, e Portuguezes, que he o que se segue?

Oh singular, e immortal gloria de Portugal, ser não só Reino fundado por Christo, mas como hum novo Collegio Apostolico de tantos Apostolos, quantos vassallos! Vós inclita nação, vós Portuguezes felicissimos, sois os novos Pedros, e Paulos, escolhidos para exaltar o santo nome de Christo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus. Elegi eos in messores meos in terris longinquis: Ut deferatur nomen meum in exteras gen-*

D

tes.

(d) Luc. 10. vers. 2. (e) Actos. 9. vers. 15.

tes. Vós fois os novos Thomés, mandados à Índia (como o mesmo S. Thomé deixou profetizado) para trabalhades nesta grande feára do Senhor: *Rogate Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam. Per illos enim paravi mihi messem multam.* E este he o fim, e motivo principal, por que os nossos Monarcas emprendêrão com immenso dispendio dos seus thesouros o descobrimento da Índia, como theatro, que a Providencia lhes tinha destinado para nelle propagarem a fé de Christo, que os escolhêra para tão alto emprego.

Pois se Christo escolheo a nação Portugueza, e fundou a Monarquia Lusitana para propagação da sua Fé. Se o principal intento dos piíssimos Reis de Portugal no descobrimento da Índia, e conservação das suas conquistas foi, e he a prégação do Evangelho, e a conversão das gentes: logo para lembrar aos Portuguezes de tão grande obrigação, appareceo Christo crucificado na Cruz deste monte de Boa vista: *Filius hominis tradetur, &c.*

§. V.

EHaverá quem se persuada, que a razão, o motivo, o fim, por que Christo appareceo na Santa Cruz dos Milagres, foi para lembrar aos Portuguezes da obrigação de propagar a sua Fé nestas gentes orientaes? Alguem ha de crer isto? *Quis credidit auditui nostro?* Eu o mostrarei com as maravilhosas circumstancias, com que appareceo o Senhor nesta Cruz; eu o provarei com os prodigi-

gios , que succedêrão depois das suas apparicoes ; eu o confirmarei com as perdas , que se tem experimentado neste estado até o presente.

Primeiramente quanto às circumstancias , com que appareceo Christo na Santa Cruz dos Milagres , a principal , e a mais notavel ao meu juizo foi , que ficando com o rostro para a Cidade , balançava a Cruz com o crucifixo de hum lado para outro ; ora cahindo para o esquerdo , que ficava para o poente ; ora inclinando-se para o direito , que ficava para o nascente. Assim balanceava Christo com a Cruz do oriente para o occidente , e do occidente para o oriente. Grande maravilha ! Humma Cruz de tronco morto , e seco encaxada , e firme em penedo duro , e immovel , mover-se de humma para outra parte à maneira de cana fragil , agitada de vento : *Arundinem vento agitatam* ! Grande maravilha outra vez ! Mas que muito , que assim se movesse a Cruz , se quem a movia era Deos omnipotente , que nella estava ? Sim ; mas tambem he certo , que as maravilhas de Deos contém mysterios. Pois que mysterio vos parece se encerrava naquelle prodigioso movimento , com que Christo posto na Santa Cruz dos Milagres se movia juntamente com ella , inclinando-se ora para o occidente , ora para o oriente ?

O mysterio parece tão alto , como conforme ao estylo da altissima sabedoria , e providencia Divina. Da Divina sabedoria , e providencia diz o Espirito Santo , que toca nas suas obras de hum fim até outro fim , isto he , de hum extremo até

outi extremo : *Attingit à fine usque ad finem* ; (a) porque ordena , dirige , e encaminha o principio das creaturas para o fim , a que são destinadas. Explica S. Bernardo : *Attingit ab ortu creaturæ usque ad finem , quem ei destinavit ipse.* (b) E applicando o Texto à creatura racional , que somos todos os homens , nos chama Deos pela consideração de nosso principio , e pela lembrança de nosso fim , moralizou o Eminentissimo Hugo : *Per duo maxime nos vocat , scilicet per considerationem principii vitæ nostræ , & per memoriam finis.* (c)

Todos os homens são creaturas de Deos ; mas sobre esta razão universal a todas as nações do genero humano , os Portuguezes tem huma mui especial ; e sabeis qual he ? He a de ser nação escolhida por Christo , para ser seu povo particular. O Reino de Portugal não he como outros Reinos da terra , não he como Alemanha , França , Hespanha , Ungria , Persia , China , Tartaria , senão à maneira do Reino espiritual de Christo , porque os mais Reinos fundarão os homens , ajudados com aquella providencia geral , com que Deos governa o mundo todo ; mas o Reino espiritual da Igreja fundou Christo em S. Pedro , e por isso Christo he Senhor proprietario , e perpetuo da Igreja ; mas S. Pedro , e os Pontifices Romanos seus successores são Vigarios de Christo , que substituem as suas vezes : *Super hanc Petram ædificabo Ecclesiam meam.* (d) *Pasce oves meas.* (e)

Do

(a) Sap. 8. vers. 1. (b) D. Bernard. (c) Hugo in Apocalypf. 1. (d) Matth. 16. (e) Joan. 21.

Do mesmo modo o nosso Reino he fundado por Christo, que o fundou para si em D. Affonso Henriques, e seus descendentes, para que fossem seus Vice-gerentes; e por isso mandou, que o escudo das armas reaes de Portugal fosse composto de suas cinco Chagas, e de trinta dinheiros, com que fora comprado pelos Judeos; eis-ahi as proprias palavras de Christo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum gentes: ut cognoscant successores tui datorem Regni, insigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, & ex eo, quo ego à Judæis emptus sum, compones.* E para que se veja mais claramente a semelhança entre o Reino da Igreja Militante, e o de Portugal, assim como Christo prometteo a São Pedro, e nelle a todos os seus successores de conservar a fé pura nelles, e em toda a Igreja por elles governada: *Ego rogavi pro te, ut non deficiat fides tua;* (f) assim tambem prometteo, que Portugal será Reino santificado, puro na fé, e na piedade amado: *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, pietate dilectum.* (g) De maneira, que os Portuguezes além da razão universal de ser creaturas de Deos, tem a especial de ser vassallos do Reino de Christo.

Pois se todos os homens para procederem como homens devem regular as suas acções conforme ao seu principio, e fim: *Vocat nos per considerationem principii vitæ nostræ, & per memoriam finis,*

(f) Lucæ 22. Vide Belarm. lib. 1. de Rom. Pontif. (g) A'Lapid. in Lucam 22. vers. 32.

Os Portuguezes para procederem como vassallos do Reino de Christo, qual he o principio, e qual o fim, com que devem conformar o seu procedimento? Não he outro mais, do que mostrava Christo na Santa Cruz dos Milagres, ora inclinándose para o occidente, ora para o oriente. Notai agora com toda a attenção.

Qual he o principio dos Portuguezes em quanto vassallos de Christo? He o Reino de Portugal, que Christo fundou, e estabeleceu là no occidente: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E qual he o fim, por que Christo com tanto empenho fundou o Reino de Portugal para si? He este oriente, onde por meio dos Portuguezes seus vassallos havia de ser exaltado o seu santo nome na conversão das gentes orientaes: *Ut deferatur nomen meum in exterar gentes.*

Por isso Christo posto na Santa Cruz dos Milagres, movendo-se de hum lado para outro, tocava de hum fim até outro fim: *Attingit à fine usque ad finem.* Pelo lado esquerdo tocava no occidente, onde começou o Reino de Portugal; pelo lado direito tocava no oriente, que he o glorioso fim, para que destinou os Portuguezes: *Attingit ab ortu creaturæ, usque ad finem, quem ei destinavit ipse.* E com este mysterioso movimento os chamava para a consideração do principio, que tiverão no occidente, e para lembrança do fim, por que os trouxe a este oriente: *Vocat per considerationem principii, & per memoriam finis.* Quando pelo lado esquerdo se inclinava para o occidente, mostrava
com

com a mão o campo de Ourique , aonde o Rey de Portugal teve seu principio : *Volo in te Imperium mihi stabilire. Attingit ab ortu creaturæ vocat per considerationem principii.* Quando voltava , e cahia pelo lado direito , apontava com o dedo para os dilatados campos do oriente , destinados para os Portuguezes , e lhes lembrava do seu glorioso fim , que he de propagar a sua fé , exaltar o seu santo nome , e converter estas gentes orientaes : *Ut deferatur nomen meum in exterarum gentes. Attingit usque ad finem , quem ei destinavit ipse. Vocat per memoriam finis.* Vistes conjectura mais verosimil , porque Christo se dignou de apparecer na Santa Cruz dos Milagres : *Filius hominis tradetur ad crucifigendum?*

§. VI.

Agora entro a mostralla comprovada com portentosos milagres. Dous entre muitos forão os mais admiraveis. O primeiro foi huma fonte de agua , que nasceo do penedo , que servia de peanha à Cruz ; e correo desde as trez horas da tarde até à manhã do dia seguinte em tanta copia , que concorrendo grande multidão da gente para aquelle estupendo espectáculo , todos se aproveitárão daquella agua milagrosa. Mas tanta agua que significava ? A agua em abundancia significa muitos povos. Por isso David para dizer que Deos o escolhêra de entre muitos povos , que erão as doze Tribus , para ser Rei dellas , dizia : *Assumpsit me de aquis multis ;*

Sermão

l est, de populis plurimis, (a) ve. lico o Caldeo.

A agua significa o Sacramento do baptifmo ; diz a Glossa : *Aqua est Sacramentum baptifmi* ; por iffo no fangue , e agua , que correo do lado de Christo morto , ferido com a lança , diz Santo Agostinho , que fahirão os Sacramentos : *De latere Christi exierunt Sacramenta*. Mas quaes , e quantos Sacramentos fahirão naquelle fangue , e agua : *Exiuit fanguis , & aqua?* (b) No fangue fahio o augustiffimo do Altar , que he o da carne , e fangue do mefmo Christo ; na agua fahio o do baptifmo , cuja materia he agua.

De maneira que nas aguas , que corrêrão da prodigiosa fonte da Santa Cruz dos Milagres , fe representavão muitos povos , e o Sacramento do baptifmo. E este eftupendo milagre da fonte fez Christo para confirmar a verdade do feu apparecimento , para que entendamos , que o motivo , e o fim , por que appareceo nesta Cruz , foi para lembrar , exhortar , e mover os Portuguezes a tratarem da conversão dos povos gentios , e da fua regeneração na fagrada fonte do baptifmo : *Aque multæ populi multi. Aqua est Sacramentum baptifmi*.

O fegundo milagre ainda mais notavel , foi o prodigioso crefcimento desta Cruz , que não sendo tão grande , ou tendo pouco mais de feis covados antes de apparecer Christo nella , depois da fua appareção crefceo , e fubio à altura de dez covados. Bem sabemos , que Deos em todas as fuas obras

(a) Pfalm. 27. (b) Joan. 19. verf. 34.

Santa Cruz dos Milagres.

obras de Deus, e guarda boa proporção, igu-
de, e ordem, porque dispõe todas com certa me-
dida, conta, e pezo: *Omnia in mensura, & nume-
ro, & pondere disposuisti.* (c) Pois que proporção,
e igualdade, que conta, e medida se póde conjectu-
rar neste milagroso crescimento de dez covados, a
qué foi elevada por Deos a Santa Cruz dos Mila-
gres?

Digo, que quiz Christo levantar milagrosa-
mente a Cruz, em que appareceo neste monte de
Boa vista, para a proporcionar, e igualar na altu-
ra, e grandeza de dez covados com a Cruz, em
que appareceo no campo de Ourique. Medi agora
aquella de Ourique. Quanto tinha de comprimento?
Foi advertencia, que o nosso Rei prudentissimo dei-
xou em perpetua memoria, que vira huma Cruz de
admiravel grandeza, que ao seu juizo parecia levan-
tada da terra quasi dez covados: *Erat autem Crux
miræ magnitudinis, & elevata à terra quasi decem
cubitos.*

Pois se Christo levantou a Santa Cruz dos
Milagres à altura de dez covados, que ao presente
tem, e milagrosamente a proporcionou, e igualou
na medida com a Cruz, em que appareceo no cam-
po de Ourique, sem duvida foi para mostrar na
proporção da medida a igualdade, ou identidade
do fim, por que appareceo em huma, e outra Cruz.
E se naquella do campo de Ourique appareceo, es-
colhendo aos Portuguezes para ministros da con-
versão das gentes, propagadores da Fé, e exalta-

E ção

(c) Sapiens. 11. vers. 21.

Sermão

ca. do seu nome nestas longinquas terras: *Ut deferatur nomen meum in exterarum gentes. Elegi enim eos in messores meos in terris longinquis*, também para lembrar aos mesmos Portuguezes do glorioso fim, por que os trouxe do occidente ao oriente, appareceo crucificado na Santa Cruz dos Milagres: *Filius hominis tradetur ad crucifigendum?*

Parece-me agora, que fez Christo na Santa Cruz dos Milagres, a respeito da Cruz do campo de Ourique, o mesmo que está fazendo no sacrificio incruento do Altar a respeito do sacrificio cruento, que consummou no Calvario. Instituiu Christo o sacrificio incruento do Altar, para lembrar aos homens com perpetua memoria o muito que padeceo por elles no sacrificio cruento do Calvario: *Hac quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*. Do mesmo modo a Cruz do monte de Boa vista he como hum Sacramento da Cruz do campo de Ourique; pois para lembrar aos Portuguezes, que na Cruz daquelle campo os escolheo por ministros da propagação da sua Fé, para renovar esta memoria, e perpetuar esta lembrança, appareceo na Cruz deste monte: *Filius hominis tradetur ad crucifigendum. Ut deferatur nomen meum in exterarum gentes. Vocat per memoriam finis. Quem eis destinavit ipse*.

§. VII.

MAs se Christo com tantos sinaes, e prodigios lembrava aos Portuguezes o fim, por que os trouxe à India, como cumprirão elles com este
fim

Santa Cruz dos Milagres.

fim lino a Deos , e a toda a sua n
He sem duvida , que os nossos Monarcas forão sempre zelosos em todas as emprezas da propagação da Fé , e sobre todos o Soberano , que Deos guarde , (a) com profusissima liberalidade esgota os seus erarios em poderosas armadas , e grossos soccorros , com que acode às necessidades deste estado , sem respeitar a outro interesse mais que o amparo , e augmento da christandade Indiana.

Este zelo de nossos piissimos Reis imitarão muitos daquelles primeiros vassallos , que no descobrimento da India expuzerão as suas vidas aos perigos dos mares , e terras incognitas : e na conquista das Cidades , e Praças , de que se compunha este estado , derramarão o seu illustre sangue ; por isso naquelle primeiro seculo , em que os Braganças , e Barretos mais parecião Apostolos , que Vice-Reis ; e os Paivas , e Galvões mais erão Missionarios , que soldados , tudo forão vitorias , triunfos , e felicidades , que assombrarão o mundo todo , e dilatarão o Imperio Lusitano por todo este vastissimo oriente. Fervia então nos animos Portuguezes o zelo da exaltação do nome de Deos , e da conversão das gentes. Não desembainhavão a espada por interesse das riquezas da India , nem só por cubiça da propria honra , senão para derribar idolos , e levantar Cruzes ; destruir a infidelidade , e plantar a Fé de Christo. E não podia Deos deixar de remunerar com todos os bons successos à

E ii quel-

(a) Senhor D. João V. e o mesmo faz agora seu gloriosissimo Filho D. José I.

24 *Sermão*

qu es, que tanto procuravão a sua maior gloria, que he a salvação das almas, como negocio principal, que vierão a buscar na India.

Porèm como as mais cousas do mundo, que com o tempo crescem, e se augmentão, e com o mesmo tempo decrescem, e caducão, assim aquelle primeiro fervor se foi esfriando pouco a pouco, e chegou a tempos tão miseraveis, que parece acabou de todo. Aquelle antigo zelo da gloria Divina, com que os Portuguezes ganhárão a Deos innumeraveis almas, e amplissimos dominios para o seu Rei, onde está? Aquelle antigo zelo, digno de eterna memoria, com que os Portuguezes cubrirão os campos do oriente com os seus corpos gloriosamente mortos, e sacrificados em honra de Christo, e tingirão os mares da India com o seu illustre sangue, onde está? Eu não sei, que haja na India outro lugar mais digno da piedade, e do zelo da Fé dos Portuguezes, do que esta Cidade de Goa, esta Metropole Lusitana, este Santuario do oriente, santificado com tantos Templos, e claustros sagrados.

Aqui? Nesta Cidade mora o zelo da propagação da Fé, e eu o não sabia? Pois em Goa, que, sendo consagrada a Deos, está profanada, e poluta com as immundas superstições dos casamentos gentilicos, que nella se permitem aos pagãos com grande escandalo da christandade, ha zelo da propagação da Fé, e eu o ignorava?

Sim ha nesta Cidade muito zelo da propagação da Fé, mas guardado nos cantos dos claustros Religiosos, escondido aos olhos de Goa, como
en-

envergonhado de apparecer em publico, e só pto para ir peregrinando por essas terras longinquas de Bengala, Pegu, Sião; por essas Ilhas remotas de Sumatra, Solor, e Timor; por esses gattes de Quitur, e Maissur; por esses portos, ou portas de Ceilão fechadas pelos hereges; porém nas ruas, e praças desta Cidade, nesses edificios altos, nesses palacios tão soberbos na architectura, como fidalgos na nobreza, nesses lugares tão sublimes, e excellentes não apparece o zelo da propagação da Fé; sendo certo, que para zelarem em tão santo emprego, não he necessario que os cidadãos de Goa sejam Religiosos, basta ser Portuguezes, que he o mesmo que ser Missionarios: *Elegi enim eos in mellores meos in terris longinquis.*

Não lanço juizo temerario, nem levanto falso testemunho: fallo verdade tão publica, e notoria, quantos mil infieis ha nesta Cidade, sem que se tenha applicado diligencia alguma para a sua conversão, antes com muitos favores, privilegios, e izenções, que de nenhuma maneira se lhes devião permittir. Que nos dominios de ElRei de Portugal, que tem por seu maior brazão a propagação da Fé, se não procura a conversão dos infieis seus vassallos! Que no Santuario da India a liberdade, que se concede aos infieis, e o valimento, que elles tem, he causa de sua maior obstinação no gentilismo, em que vivem! Se isto dissesse fóra de Goa, quem me havia de crer?

Como hão de crer na China, no Malavar, na Pescaria, e em todos aquelles Reinos, onde a
Ma-

Sermão

...dade de ElRei Fidelissimo sustent... os Bispos, e Missionarios, para reduzir ao gremio da Igreja os vassallos alheios, que na Cidade de Goa, Metropole do estado Lusitano, habitão muitos mil idolatras, sem haver para elles a prégação do Evangelho? Qual he o Medico, que, deixando de curar os enfermos domesticos, vai buscar os estranhos? Pois se esses Reis da China, de Pegu, de Maissur, de Malavar já que não possão dizer aos nossos Bispos, e Missionarios: *Medice cura te ipsum*, disserem: Convertei primeiro a tantos milhares de gentios, que ha na vossa Cidade de Goa, e vinde ao depois prégar o Evangelho de vosso Christo aos nossos vassallos, que contra tem isto? Como logo nos dominios de hum Monarca Fidelissimo, e piissimo na Relligião Catholica, e zelosissimo da conversão das gentes dos Reinos alheios, como na Cidade de Goa, donde sahem tantos Bispos, e Missionarios para tão remotas regiões, não ha zelo de converter a tantos mil gentios, que habitão nella?

Porém menos mal fora, que na Cidade de Goa se não applicasse diligencia alguma para a conversão dos infieis, quanto he para reparar, e estranhar, que os cidadãos Goanos embarquem a execução daquelles meios efficazes, que os Soberanos arbitrarão para este fim. Quem nesta parte zelou muito, foi o Senhor Rei D. João III. o qual em huma carta escrita a D. João de Castro, Vice-Rei deste estado, mandou o seguinte: (b)

Vos

(b) Andrad. na vida de D. João de Castro lib. I. n. 69.

Vos encommendamos mui apertadamente, que em lugares accommodados fundeis estudos, e casas de devoção, às quaes em certos dias acudão aos Sermões, e praticas espirituaes, não só os Christãos, mas tambem os gentios, para que por esta via se afeiçoem à nossa Santa Fé, e ao conhecimento dos erros, em que vivem, allumeando-lhes as almas com a luz do Euangelho.

A esta carta daquelle piíssimo Monarca seguirão-se outras, que os successores da sua Coroa, e piedade expedirão para o mesmo fim de fazer assistir os gentios à prégação da palavra de Deos, por ser unico, e o mais efficaz meio para a sua conversão; porque estes gentios Goanos são tão obstinados, que não querem ouvir a verdade para não serem convencidos da força della: *Noluit intelligere, ut bene ageret*; (c) e por isso he justo obrigallos a que oução os mysterios da nossa Santa Fé.

Bem sei que o Euangelho da paz se não deve prégar a som da guerra, de sorte que nunca sejam os infieis violentados para deixarem a sua falsa religião, e receberem a Lei de Jesus Christo. Com tudo sei tambem, que os gentios vassallos podem ser obrigados por seus Soberanos, a que oução a doutrina Euangelica, ficando-lhes sempre livre a escolha da lei; e para este fim he muito justo, e util ao bem commum mandar-lhes ainda com penas, que assistão em certos dias nas Igrejas, que lhes forem assinaladas, para ouvir a doutrina Christã. Isto he o que se pratica em Roma por Consti-
tui-

(c) Psalm. 33.

Sermão

de Nicoláo III. confirmada por
XIII. em que está estabelecido , que todos os Ju-
dcos , debaixo de certa pena pecuniaria , assistão hu-
ma vez na semana à pregação do Euangelho , o que
atè o presente está em verde observancia.

E que assim o possão mandar todos os Reis
Catholicos aos infieis seus vassallos , he opinião não
só a mais provavel , como diz Lacroix , (d) mas
tambem certa , e verdadeira , como tem o Cardeal
de Lugo , (e) Bonacina , (f) Maldero , Banhez ,
Filliucio , (g) Becano , (h) Azor , (i) Hurtado , (k)
Pezancio , Henrinx , (l) Soares , (m) Arriaga , (n)
e outros muitos. E por isso o quinto Concilio Pro-
vincial Goano , celebrado pelo Veneravel Arcebis-
po Primaz D. Frei Aleixo de Menezes , na acção
segunda , decreto primeiro , estabeleceo , e mandou
expressamente , que todos os gentios vassallos de
idade de doze annos para cima seirão obrigados a
ouvir a palavra de Deos em todos os Domingos
do Advento , e nos mais dias , que affinala.

Isto he o que tão apertadamente mandarão os
nossos Reis , por entenderem que assim o podião
ordenar licitamente , sem violentar as vontades dos
gentios , que sempre ficavão livres para a escolha
do bem. E para esta disposição Real ser justa , acer-
tada , e a mais efficaz para a conversão do gentio ,
bas-

(d) Lactor. t. 1. lib. 2. tr. 1. c. 4. dub. 1. n. 79. (e) Lug. t. 3. disp. 19.
seleçt. 2. §. 1. n. 54. (f) Bonac. t. 2. disp. 3. verif. 2. punct. 8. n. 9. art. 10.
dub. 4. cone. 4. (g) Fill. tr. 22. c. 4. 26. n. 115. (h) Becan. c. 13. 2. 4. n. 4.
(i) Azor c. 22. 2. 3. (k) Hurt. disp. 75. (l) Henr. disp. 9. 24. (m) Soar.
De fide disp. 18. seleçt. 2. n. 3. (n) Arriag. t. 5. tr. *De fide* d. 25. scçt. 1.
sulf. 4. n. 22.

Santa Cruz dos Milagres.

Esta foi representada à Magestade do S. Rei D. João III. por S. Francisco Xavier, (o) a cuja instancia foi expedida a carta Real, que referi. E bem sabia o Santo, não só como Theologo especulativo, mas tambem como Missionario pratico com larga experiencia; e o que he mais como tão familiar de Deos, illustrado com especial luz, à *licitud*, e a efficacia deste meio, que arbitrou. E ElRei insiftio com tanto empenho no mesmo arbitrio, que para insinuar o rigor, com que mandava, disse: Encommendamos mui apertadamente.

§. VIII.

MAs qual foi até agora o effeito de tão justas, e apertadas ordens Reaes, e de tão santo, e louvavel decreto do Concilio Provincial? Quaes são os lugares, em que se ordenou, que os gentios assistissem à prégação do Euangelho? Depois de longo esquecimento de mais de hum seculo, em que se não cuidou em tal materia, como se nada importára, ou como se importára mais conservar os gentios na sua infidelidade, do que convertellos à Santa Fé: depois, digo, de tão largo descuido, haverá trinta annos, que o zelo de quem governava este estado, (a) por insinuação de hum Religioso pio, deo principio à execução dessas ordens Reaes, com grandes esperanças da conversão do gentilismo. E não ha duvida, que se os progressos

F

cor-

(o) P. Lucen. na vida de S. Francisco Xavier lib. 2. c. 22. (a) Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabogosa.

Sermão

responderem aos principios , seria felicissimo e
nem , não ficando hoje nome , nem rasto de gentio
em Goa ; porèm levantárão-se patronos , fingirão-se
pretextos , allegárão-se razões de estado , e emba-
raçarão huma obra , de cuja continuação havia de
resultar muita gloria a Deos , muito serviço ao
Rei , e à salvação de tantas mil almas.

Mas saibamos agora , com que pretextos , e
razões se embaraçou então a execução da ordem
deste governo , que em virtude das cartas Reaes
compellia os gentios a ouvir a doutrina ? Allegá-
rão , que se os gentios fossem obrigados a ouvir a
prégação do Evangelho , ainda que se convertessem
alguns , seriam poucos , e raros ; porèm os mais ha-
vião de desertar a Cidade. Que a Cidade de Goa
se não póde conservar sem gentios ; porque faltan-
do elles , ha de faltar todo o commercio , e cessar
o negocio , que elles meneão. Que a Fazenda Real
padecerá irreparavel , e gravissimo dano , pois a sua
maior receita são varias rendas , de que só os gen-
tios , que as administram , podem dar boa conta.

A estes pretextos , chamados razões de esta-
do , que não são mais que delirios da fantasia a-
paixonada , responderei com a brevidade , que per-
mittem o lugar , e a brevidade do tempo. E primei-
ramente digo , que a Cidade de Goa não necessita
de gentios para o seu commercio , antes os gentios
necessitam della para todas as suas conveniencias.
Quanto ao negocio consta , que o que meneão os
gentios , o podem tratar , e de facto tratão os Chri-
stãos com mais verdade , e fidelidade , que falta na

ma-

Da Santa Cruz dos Milagres.

maior parte dos gentios , que usão de fraudas , e dolos nos contratos.

Não necessitando pois Goa dos gentios , estes são os que mais necessitão de Goa , porque nos dominios de Bounfulo , nem nos Reinos de Sunda , e Canará podem ter a liberdade , valimento , e conveniencias , que tem em Goa. Em Goa habitão em edificios altos ; fóra della hão de morar em choupanas de palha : em Goa livremente comprão , e vendem ; nos dominios gentilicos não podem comprar , nem vender , sem primeiro segurar muita conveniencia aos senhores da terra : em Goa vestem galas , e andão em carruagens ; no Canará , e Sunda hão de ter trato mui vulgar , e rasteiro , por mais ricos que seião : em Goa possuem cabedacs grossos , sem vexames , nem oppressões ; no Canará , e Sunda o ter muito he motivo bastante para os Reis tirarem dos vassallos quanto quizerem. E então os gentios de Goa hão de desertar esta Cidade ? Se nos Paizes vizinhos pudessem elles achar as conveniencias , que tem em Goa , já terião ido atrás dos seus idolos , que só podem achar naquellas partes.

O que tudo he tão certo , que se Sua Magestade ordenasse , que aquelles , que não professassem a Lei de Christo , não morassem nos seus dominios , em breve tempo todo este gentilismo se reduziria ao gremio da Igreja , só a fim de se não expôr às oppressões , que experimentão os moradores de Sunda , e Canará. E ainda que não proponho este arbitrio , mas que o possa assim licitamente mandar : *Non est in hoc puncto ulla difficultas* , diz Ar-

Sermão

riag., (b) e he sentença corrente de Soares, (c) fitando a sexto Concilio Toletano, de Escoto, Gabriel, Angelo, Santo Antonino, e Valença, aos quaes seguem Conich, Becano, (d) Bonacina, Castro Palão, (e) Lacroix. O que se praticou já em Hespanha, e Portugal com os Mouros, e Judeos, e em outras partes do Christianismo, onde se não permite domicilio firme aos infieis.

Quanto ao prejuizo da Fazenda Real na diminuição das rendas, no caso que faltem gentios para lançar nellas, bem o creio eu, porque só os gentios podem dar lanços tão excessivos, confiados nas exorbitancias, que fazem na administração dessas rendas; pois nas do tabaco em folha, e pó usão de pesos deminutos, e na Alfandega avalião as fazendas em mais do que valem, e por estas, e outras larguezas, que se lhes consentem, não sem grande prejuizo do povo, por isso he que lanção tão affoutamente; mas essa grande conveniencia, que tem a Fazenda Real nas rendas administradas pelos gentios, não he motivo bastante para se deixar de applicar os meios da conversão delles.

E se não, pergunto: Quanta despeza faz a Fazenda Real em expedir de Lisboa para Macáo hum náó de linha com hum Embaixador com toda a commettiva decente ao seu carácter, com hum fagoate digno da Soberania, e Magestade de El-Rei de Portugal para o maior Monarca do mundo, que he o Emperador da China, e Tartaria? E todo esse

(b) Arriag. tom. 5. trat. *De fide*. (c) Soar. *De fide* disp. 18. (d) Becan. c. 12. q. 3. (e) Pal. t. 1. tr. 4. disp. 2. punct. 6.

esse immenso dispendio não se dirige a outro interesse mais, do que para se facilitar a prégação do Evangelho naquelle vastissimo Imperio.

Pois se o Fidelissimo Monarca de Portugal he tão prodigo dos seus ricos thesouros nas empresas, que respeitão à propagação da Fé, e conversão dos Chinas, que não são seus vassallos, em que razão póde caber, que em Goa, dominio da mesma Fidelissima Magestade, com pretexto da conveniencia da Fazenda Real, deixem de tratar da conversão de vassallos proprios? antes com ajuda, e favor, com que são patrocinaados, os fação mais pertinazes na sua infidelidade, e na condenação eterna de suas almas?

Oh desfarrezoado pretexto da conveniencia da Fazenda Real, que tantas mil almas levas ao inferno! Parece-me que estou ouvindo hum horrendo, e confuso alarido de grande multidão de innumeraveis gentios Goanos, que estão ardendo no inferno, e desde o profundissimo abyssmo de suas irremediaveis penas estão clamando à Divina Justiça contra aquelles, que impiamente os favorecêrão, para se eximirem de ouvir a prégação da Fé, e lanção mil maldições sobre aquelles, que attendendo mais ao interesse temporal, do que à salvação de tantas mil almas, cooperão com ellas para a sua eterna condenação. E oxalà não seja esta a verdadeira causa, por que quanto mais se cuida em Goa no augmento da Fazenda Real, tanto se acha ella mais desmedrada.

§. IX.

A Gora ao ponto principal , de que a Cidade de Goa se não póde conservar sem gentios , respondo com o Profeta Rei : *Nisi Dominus custodierit civitatem , frustra vigilat , qui custodit eam* : (a) Se Deos não conservar a Cidade , cança-se de balde quem vigia , e disvela na conservação della. E não ha muitos annos , (b) que vimos com nossos olhos , que nem os gentios , nem os Christãos guardarão esta Cidade ; não a guardarão os cidadãos , porque a desertarão , refugiando-se huns na fortaleza de Agoada , outros na de Mormugão ; não a guardarão os gentios , de quem se fazia tanta confiança , porque forão traidores os chamados conservadores : os gentios facilitarão ao inimigo Maratá a entrada em Salfete , indo-o buscar nas terras do Sunda , e segurando-lhe , que podia invadir a Provincia , sem temor de resistencia. Os gentios introduzirão o inimigo Bounfulo no mesmo tempo na Provincia de Bardez , e estavam confederados para lhe entregarem esta Cidade , como publicamente se fallou ; e estando esta Cidade atacada por todos os lados por dous inimigos , sem ter em si defença alguma , ainda assim se conservou ? Pois quem a guardou ?

Deos guardou a Goa , Deos a conservou sem nenhuma defença , nem industria humana , porque fó Deos he o conservador , e defensor das Cidades : *Nisi Dominus custodierit civitatem* ; e Deos que guar-

(a) Psalm. 126. (b) Anno de 1739.

guardou, e defendeo a Goa, quando esteve abandonada dos homens, não poderá conservalla, se os gentios, que habitão nella, se converterem à sua Santa Fé? Pergunto agora aos Patronos, Procuradores, e Advogados dos gentios: Se Deos por sua bondade der a todos esses gentios hum auxilio effi- caz para a sua conversão, que será desta pobre, e miseravel Cidade, que toda a sua confiança tem estribado só nos gentios? Se todos elles se converterem à Fé Catholica, e não houver hum só gentio, que lance nas rendas Reaes, que será de Goa? Ficarà arruinada, totalmente destruida, sem commercio, sem rendas, sem meios para a sua conservação? Considerai na resposta, em quanto relato hum breve exemplo.

Comminou Deos pena da subversão à Cidade de Ninive em termo de quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur.* (c) Não conhecião os Ninivitas a Deos, erão idolatras; mas aterrados com tão terrivel ameaço, convertêrão-se todos, e fizeram penitencia. E porque os Ninivitas se convertêrão a Deos, Deos não subverteo a Ninive: *Quia conversi sunt de via sua mala, & misertus est Deus super malitiam, quam locutus fecerat, ut faceret eis, & non fecit;* de maneira, que a conservação da Ninive esteve unicamente na conversão dos Ninivitas; porque se os Ninivitas se não convertessem a Deos, havia de ser Ninive certamente subvertida, como Deos havia ameaçado por boca de Jonas Profeta: *Ninive subvertetur.*

Mo-

(c) Jon. 3.

Moradores de Goa, quereis a conservação de vossa Cidade? Procurai de converter a Deos os gentios, que habitão nella, porque este he o unico meio do seu augmento. Nesta maxima esteve aquelle grande Prégador o Padre Antonio Vieira, quando, fallando das conquistas de Portugal, disse estas palavras:

Levai Prégadores Euangelicos, (d) que conquistem o gentio para Deos, e Deos vos dará logo todos os bens temporaes dessas conquistas: *Quærite primùm Regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* (e) Sentença he de eterna verdade, que estabeçamos o Reino de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso Reino, e tudo nos sobejará. He Portugal patrimonio de Christo, que fundou este Reino para lhe propagar a sua Fé; e cança-se de balde quem trata de suas conquistas por outro caminho; furta a Deos, e ao Reino o cabedal, que emprega em outros intentos, que nunca hão de ser bem succedidos, porque vão fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar para indireitar as rodas da fortuna, hão de servir de maior despenhadeiro; e acabemos de cahir nisto, pois somos Christãos, e Catholicos; não desmintamos nossa propria profissão, e acabemos de entender, que de nós nasce o mal, e por isso não tem remedio, porque o estorva quem lho houvera de dar. Atè aqui o Padre Vieira.

Agora digo eu: O Reino de Christo não he o temporal deste mundo: *Regnum meum non est de hoc*

(d) Vicira, Arte de furtar cap. 29. (e) Matth. 6.

hoc mundo, senão espirital das almas, que elle veio buscar do Ceo à terra, e as remio com o seu sangue; e augmentando-nos o Reino de Christo com a conversão dos gentios à sua Fé: *Quærite primum Regnum Dei*, será possível que Christo deixe de augmentar a nossa Cidade com todos os bens temporaes: *Et hæc omnia adjicientur vobis?* Oh fé dos Portuguezes, aonde estás?

Tanto se agradou Deos do zelo da justiça, com que Salamão lhe não pedio mais que prudencia, e sabedoria para governar com rectidão os seus vassallos, que não só o fez homem o mais sabio, mas tambem Rei o mais opulento: *Quia postulasti tibi sapientiam ad discernendum judicium: ecce dedi tibi cor sapiens & intelligens, in tantum ut nullus ante te similis tui fuerit, nec postea surrecturus sit. Sed & hæc, quæ non postulasti, dedi tibi: divitias scilicet, & gloriam, ut nemo fuerit similis tui in Regibus cunctis.* (f) De sorte que a não ser historia Divina, pareceria fabula incrivel, que no reinado de Salamão era tanta a abundancia de prata na Cidade de Jerusalem, quantas as pedras: *Ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta & lapidum.* (g)

A conversão das almas he acto da virtude a mais heroica, e a mais agradavel a Deos, que he a caridade, porque respeita a maior gloria de Deos, e o maior bem do proximo, e por isso he muito mais excellente, que a justiça, e outra qualquer virtude moral. Pois se o zelo da justiça, que achou

G

Deos

(f) 3. Reg. cap. 3. (g) Ibidem cap. 10. n. 27.

Deos em Salamão, moveo a Deos para fazer a Salamão homem o mais sabio, e Rei o mais glorioso, e opulento sobre todos os Reis, como não moverá, e obrigará a Deos o zelo da conversão das almas para abundar Goa em a maior abundancia, do que Jerusalem, e enriquecer os thesouros da Fazenda Real com mais ouro, do que a prata, que deo a Salamão? Não he o Deos, que cremos, aquelle mesmo Omnipotente, que fez a Salamão o maior de todos os Reis? Não he o Deos, que adoramos, hum Senhor tão liberal, que não sabe receber serviço, nem obsequio, que não remunerar por cem: *Centuplum accipietis?* (h)

§. X.

SEndo isto assim, tu, Goa, queres os gentios para a tua conservação, não attendendo que Deos quer a conversão desses gentios para a sua gloria? Quando a tua conservação, e augmento devias esperar só de Deos, obrigando-o com o obsequio de lhe dar convertidas essas almas dos infieis, favoreces a ellas para se não reduzirem à Santa Fé, com o falso pretexto, de que são necessarios para a tua conversão? Desengana-te, que quem edifica, conserva, e augmenta os Imperios, Estados, e Cidades he só Deos. Deos he o que edifica Imperios, e Reinos para empregos da sua gloria; e o mesmo Deos tambem destroe, e dissipa as Monarquias para o exercicio da sua justiça.

Ego

(h) Matth. 12.

Ego ædificator , & dissipator Imperiorum , & Regnorum sum , disse Deos ao nosso primeiro Rei, quando nelle estabeleceo o Reino de Portugal: Eu sou o fundador , e dissipador dos Imperios , e Reinos. Como se differa aos Portuguezes desde então , quando os escolhia para propagadores da sua Fé , que se zelassem na empreza , que lhes encarregava , dilataria o seu estado com amplissimo dominio por mar , e por terra , de forte que fosse hum poderoso Imperio com soberania , e mando sobre muitos Reinos: *Ego ædificator Imperiorum , & Regnorum sum*. Mas se baldassem o fim , por que os promettia de favorecer com tantos beneficios , tambem os ameaçava com ruinas , e perdas: *Ego dissipator Imperiorum , & Regnorum*.

E tudo succedeo como Deos disse. Cumprio Deos a sua promessa , dando aos Portuguezes as maiores vitorias , e triunfos , sujeitando ao seu dominio as maiores potencias da India , e edificando-lhes hum dilatado , opulento , e florente estado , que podia competir com o maior Imperio ; mas porque elles antepuzerão os seus interesses à gloria , que devião dar a Deos na conversão das gentes , assim tambem executou Deos a sua ameaça , destruindo , e dissipando este estado por meio dos infieis.

Reparem hum pouco , como de tantos inimigos , que arruinarão o estado Lusitano na India , tomando os Reinos , as Cidades , e Praças , de que constava , nenhum foi Christão Catholico , mas todos infieis , huns hereges , outros mouros , outros gentios. He cousa , que faz pasmar ! Já que na In-

dia não havia Rei Christão , e fiel a quem dar os dominios , que Deos determinou tirar ao estado Portuguez , havia na Europa hum Rei de França , que he Christianissimo , hum Rei de Hespanha , que he Catholico , e hum , e outro mais benemerito , que os Inglezes , e Hollandezes , que são hereges ; que os Persas , e Arabios , que são mouros ; que os Malabares , Chingalas , Canarás , e Maratás , que são gentios. E não querer Deos senão que só os infieis hereges , mouros , e gentios reduzissem este estado , e esta Cidade à miseria , em que se acha ?

Ainda me affombro mais , quando considero , que no mesmo tempo , em que os Hollandezes hostilizavão aos Portuguezes na India , todo o poder de Castella estava empenhado contra Portugal , depois da feliz acclamação do Senhor Rei D. João IV. E que quando aos Castelhanos Catholicos não permittio Deos , que com todas as suas forças ganhassem hum só palmo de Portugal , quiz que os Hollandezes hereges , infieis , em tudo inferiores , tomassem aos Portuguezes na India , Malaca , Ceilão , Jafana , Manar , Negapatão , Cananor , Cochim , e outras importantes praças ?

Sim , que este he o rectissimo procedimento da Divina Justiça , proporcionar o instrumento da pena ao objecto da culpa : *Per quæ quis peccat , per hæc & torquetur.* (a) Já que attendeis ao interesse , que achais no commercio , que tendes com os gentios , do que a gloria , que póde resultar a Deos na conversão desses infieis , foi Deos servido , que

to-

(a) Sapient. II.

todas as vossas perdas , e ruinas viessem só pelos infieis , hereges , mouros , e gentios : *Sæpe enim ipso instrumento suæ offensionis puniuntur peccatores* , expoz Hugo. Só aos infieis tomou Deos por executores de vossa pena , para que acabeis de conhecer , que os infieis são a occasião de vossa culpa.

Temos nas historias Divinas hum bem sabido , e adequado exemplo. Mandou Deos a ElRei Saul contra o Reino de Amalec , para que sem perdoar a couza viva , nem reservar os seus despojos , reduzisse tudo a pó , e cinza. Entrou Saul com a mão armada , prendeo o Rei Agag , e não o matou , e deixou vivos outros muitos Amalecitas , nem cumprio inteiramente com o preceito de Deos , porque reservou tudo o que era precioso , e só destruiu o que era vil , e de pouca estimação : *Quidquid verò vile erat , & reprobum , hoc demoliti sunt.* (b) Mas que he o que se seguiu daqui? Seguiu-se , que Deos offendido desta desobediencia , determinou irrevogavelmente de abater a Saul da grandeza , a que o tinha elevado , e tirar o Reino , que lhe tinha dado : *Quia projecisti sermonem Domini , & projecit te Dominus , ne sis Rex super Israel ; e finalmente permittio que hum Amalecita acabasse com elle de todo , tirando-lhe a vida : Amalecites ego sum ; stansque super eum , occidi illum.* (c)

Duas cousas notaveis se offerecem neste caso : a primeira , o rigor da Divina Justiça ; a segunda , o instrumento da execução della. Quanto ao rigor da Justiça Divina , foi tão severa , e inexoravel ,
G iii que

(b) 1. Reg. cap. 15. (c) 2. Reg. cap. 1. vers. 10.

que só por huma desobediencia reprovou Deos a Saul, e o julgou por indigno do Reino, com sentença tão irrevogavel, que não bastarão os rogos, e lagrymas do Profeta Samuel para conseguir o perdão. Valha-nos Deos ! Só por huma desobediencia tão severo castigo?

Tinha Saul outros muitos peccados, porque era superficialo, e consultava aos feiticeiros, invejoso em perseguir a David seu genro, e vassallo o mais benemerito, homicida do Sacerdote Aquimelec, e de outros muitos innocentes. Perguntão agora os Expositores Sagrados: Supposto que Saul tinha tão enormes peccados, por qual delles veio a perder o Reino? E respondem com Josefo, que pela desobediencia de não destruir, e matar a todos os Amalecitas, foi desamparado, e reprovado de Deos, e veio a perder o Reino com o mais desgraçado fim: *Hic itaque finem Saul, prophetante Samuele, habuit; quia obediens Deo non fuit propter mandata, quæ contra Amalecitas habuerat.* De forte, que sendo qualquer peccado bastante para Saul perder o Reino, com tudo de facto por nenhum outro o perdeu, senão só pela desobediencia, com que deixou de matar, e extinguir de todo os Amalecitas, diz Abulense: *Verum est, quod pro quolibet peccato de his, quæ referuntur, fecisse Saul, merebatur perdere Regnum; sed propter nullum aliud perdidit actualiter, nisi quando dimisit Regem Amalec vivere.* (d)

Se Saul obedeceffe inteiramente ao preceito
Di-

(d) Abulens. in 1. Reg. cap. 15. 12.

Divino em agradecimento do Reino, que lhe tinha dado, ainda que commettesse outras culpas, Deos as dissimularia, e respeitandoy aquella prompta obediencia, lhe daria auxilios para o arrependimento, e emenda dellas, e o conservaria no estado da grandeza, a que o tinha sublimado; mas porque foi tão ingrato, que esquecido do que devia a Deos, attendeo mais à propria conveniencia, e ao vil interesse dos despojos, do que à gloria, que esperava Deos da sua obediencia, e da execução da sua rectissima justiça nos Amalecitas: *Non audisti vocem Domini, sed versus ad prædam fecisti malum*, onde o Abulense: *Ingratus non obediendo præceptis ejus*, por isso Deos o desamparou, e o despojou do Reino: *Projecit te Dominus, ne sis Rex super Israel.*

Agora quanto ao instrumento, ou executor da Divina Justiça, que acabou de huma vez com Saul, foi hum Amalecita, quem o ... ou: *Amalecites ego sum. Stansque super eum occidi illum.* E por que não feria hum Filistheo? Se os Filistheos ferirão a Saul no conflicto da guerra, que lhes fazia, por que não esperou Deos, que morresse daquellas feridas, que erão mortaes, mas permittio que hum Amalecita o acabasse de matar? Porque este castigo mereceo Saul pelo peccado de não obedecer a Deos, quando o mandou contra os Amalecitas, com preceito de os não deixar vivos. E quem offendeo a Deos por favorecer aos Amalecitas, era justo que morresse nas mãos delles, de forte que fosse hum Amalecita o instrumento, e executor da sua pena, assim como forão os Amalecitas a occasião da sua culpa.

He

29/500

He patto tão proprio ao nosso caso , que não he necessario applicallo.

§. XI.

MAs fallo agora comtigo , ò Goa , quasi pelos mesmos termos , que mandou Deos ao Profeta Samuel fallar a ElRei Saul. Tu , Goa , sendo hum pequeno palmo de terra , te exaltou Deos a tanta grandeza , que te fez o mais célebre emporio da India , cabeça do mais poderoso estado , e rainha de todo o oriente : *Cum parvulus esses in oculis tuis , caput in Israel factus es , unxitque te Dominus in Regem super Israel.* Sujeitou ao teu dominio muitos , e grandes Principes , e Reis , fazendo-te árbitra de Coroas , e repartidora de Reinos ; nas vitorias , e triunfos dos teus Botelhos , Almeidas , Alburquerque , Castros , Braganças , e Furtados te fez mais famosa , que a antiga Roma nos dos seus Cesares , Pompeos , Scipiões , e Decios ; para a tua riqueza , e opulencia deo mares de perolas , rios de rubins , campos de diamantes , cerras de crystal , minas de ouro , e prata ; para o teu regalo , e delicia te fez senhora de bosques de finissima canela , de jardins de fragrantés cravos , e de pomares da odorifera noz ; para o teu adorno , e gala franqueou o commercio das preciosas sedas da China , e Cambaia , e das finissimas roupas de algodão de Sinde , Córmandel , e Bengala.

E toda esta grandeza , e opulencia , com que Deos sublimou a tua pequenez , não foi para outro

tro fim mais do que para extinguires o gentilismo com a luz da Santa Fé, convertendo os gentios, que são os Amalecitas, que Deos aborrece por sua infidelidade: *Unxit te Dominus Regem super Israel, & misit te Dominus in via, & ait: Vade, & interfice peccatores Amalec. Volo in te imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum gentes.* Mas tu soberba com tanta opulencia, esquecida de teus humildes principios, e cega com a ambição das conveniencias, que effes Amalecitas te fazião, fostes ingrata a Deos, que attendeste mais ao teu vil interesse, do que à sua gloria: *Non audisti vocem Domini, sed versus ad prædam fecisti malum,* devendo extinguir o gentilismo, te fizeste protectora dos gentios, como se para o teu augmento importára mais a communicacão tão familiar dos infieis, do que a reducção delles ao gremio da Igreja.

Por isso o mesmo Deos, que tanto te engrandeceo, tambem te abateo, e te reduzio a tão extrema calamidade, que não pareces Cidade habitada de homens vivos, senão cemeterio de corpos mortos. E aquelles, que em outros tempos tinham por grande felicidade viver à sombra do teu amparo; aquelles, que com feudos, e tributos te reconheciam por rainha, effes mesmos te affombrão, atemorizão, e perseguem com repetidas hostilidades, como se foras escrava, e não senhora; vassalla, e não rainha: *Projecit te Dominus, ne sis Rex super Israel.*

Ai quanto temo, (triste Goa) quanto temo, de que em pena de seres tão amiga dos gentios,

ve-

venhas finalmente a fer! O' que! Se Malaca, Ceilão, Cochim ficárão hereges; se Ormuz, Mascate, Mombaça ficárão mouras; se Baçaim, Chaul, Mangalor ficárão gentias, que muito que Goa! Mas Deos te guarde, (amada patria) Deos te guarde, e te conserve sempre Christã, sempre Catholica, sempre fiel a Deos, e sempre vassalla do teu Fidelissimo Rei, para que sempre conserves a Fé Catholica, professes a Santa Religião, e glorifiques, e exaltes o Santissimo nome de Jesus Christo, que para te visitar, corrigir, e emendar desceo do Ceo a este monte de Boa vista, e appareceo crucificado na Santa Cruz dos Milagres: *Filius hominis tradetur ad crucifigendum.*

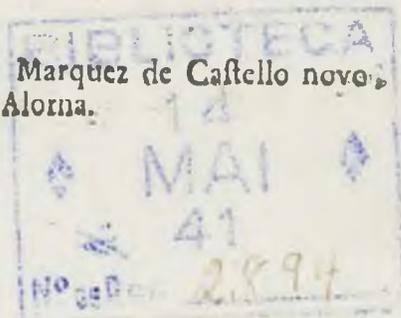
Benignissimo, e misericordiosissimo Senhor, aquella antiga misericordia, com que no campo de Ourique promettestes de amparar sempre aos Portuguezes, já mais se descais de Goa: *Non recedet ab eis unquam misericordia mea.* Protesto, meu Deos, huma, e mil vezes protesto, que Goa nunca conhecerá outro Deos mais, que só ao verdadeiro, que sois vós; nem a outro Rei mais, que ao Fidelissimo Monarca vosso Vice-gerente: *Dominus solus dux ejus fuit, & non erat cum eo Deus alienus.* (a) Bemdito, e louvado seja para todo sempre o vosso Santissimo nome, assim pelo muito, que nos déstes, como por tudo, que tirastes: *Dominus dedit, Dominus abstulit: sit nomen Domini benedictum;* (b) porque se tirastes por nossa ingratição o que déstes por vossa bondade, confiamos muito na vos-

(a) Deuter. 32. (b) Job 1.

da Santa Cruz dos Milagres. 47

a infinita misericordia, que chegando a vossos pés arrependidos, e emendados, não só nos perdoareis a culpa, mas tambem nos tornareis a dar muito mais: *Dominus quoque conversus ad pœnitentiam benedixit novissimis magis quam principio.* Aplacai, Senhor, a vossa ira, temperai o rigor de vossa justiça, e suspendei o castigo de nossas culpas, para que se não desvaneção esses hereges, mouros, e gentios, inimigos de vosso Santo nome, e da nossa felicidade, que a força de suas armas, e não o poder de vosso braço, reduzio a Goa a tanta miseria: *Ne forte superbirent hostes, & dicerent: manus nostra excelsa, & non Dominus fecit hæc omnia.* (c) Abençoai os Excellentissimos Principes, (d) que a governão no temporal, e espirital, e lhes assisti com muita luz, e graça, para que sendo hum tão religioso como ElRei David, e outro tão pio como o Pontifice Onias, zelem, e se disvelem ambos de mão commum na exaltação de vosso Santo nome, na conversão dos gentios na extirpação da infidelidade, e de todos os vicios, com o que se dilate a vossa Santa Religião, se augmente a Christandade, florea a virtude, e dê Goa frutos dignos de se apresentarem na Meza de vossa eterna Gloria. Amen.

(c) Deuter. 32. (d) Esteve presente o Marquez de Castello novo, Vice-Rei da India, ao depois Marquez de Alorna.



31/566

No. 10
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

This page contains a list of entries, likely a table of contents or a list of items. The text is written in a historical script, possibly Latin or Greek, and is arranged in a vertical column. The entries are numbered from 1 to 100, with some entries having sub-entries or further details. The text is somewhat faded and difficult to read, but the structure is clear.

In 2000, the year of the millennium, the world was in a state of...

32/566

